

DETALHES TÃO PEQUENOS DE NÓS DOIS¹

Dedicada a Vicentina Catarina

“Entretanto, nas etapas primitivas, dentro de um regime social que não conhecia ainda nem classes nem Estado, os aspectos sérios e cômicos da divindade, do mundo e dos homens eram, segundo todos os indícios, igualmente sagrados e igualmente, poderíamos dizer, ‘oficiais’. Essa característica persiste às vezes em alguns ritos de épocas posteriores. Assim, por exemplo, no primitivo Estado romano, durante a cerimônia do triunfo, celebrava-se e escarnecia-se o vencedor em igual proporção; do mesmo modo durante os funerais chorava-se (ou celebrava-se) e ridicularizava-se o defunto. Mas quando se estabelece o regime de classes e de Estado, torna-se impossível outorgar direitos iguais a ambos os aspectos, de modo que as formas cômicas – algumas mais cedo, outras mais tarde – adquirem um caráter não oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofun-

¹ A ser desenvolvida nos ensaios.

dam-se, para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular do mundo, da cultura popular. É o caso dos festejos carnavalescos no mundo antigo, sobretudo as saturnais romanas, assim como os carnavais da Idade Média, que estão evidentemente muito distantes do riso atual que a comunidade conhecia.”

Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*

DO CENÁRIO

A ação se passa, em exceção ao cinema, no meio, e o palco e camarim da boate no final da peça, no apartamento de Otávio. O apartamento de Otávio é um loft. Não há divisões entre o quarto, a cozinha, a sala, quarto de empregada e banheiro. a divisão desses ambientes é feita por níveis, objetos e luz. No canto esquerdo (ponto de vista da plateia), num andar mais alto, quase da altura de uma pessoa, está o quarto de Otávio. Há um colchão, um abajur e um pedaço de cortina que desaparece pela coxia. Esse quarto pode estar suspenso por estruturas metálicas (andaime de obra). Tapando o vão do andaime está presa a tela principal que Otávio está restaurando: *Jesus nas Oliveiras*, essa tela está com uma parte clara e o resto tão escuro que não se percebe o contorno. Em volta da tela e espalhados pela sala a bagunça é geral. Quadros pendurados por todos os lados ajudam a dar os limites (como se fossem as paredes) e ainda quadros pelo chão empilhados, telas recortadas, potes cheios de pincéis, vidros com solventes, estopas, enfim, todo o material de um restaurador. As cores são muito diversificadas com o estilo, mas os tons não são em cores vivas, mas em cores mornas, dando uma ideia de antigo. Nesse mesmo lado, mais para o centro, está a prancheta de Otávio, que quando for necessário será a mesa de escrever e mesa de jantar. No fundo está um vaso e uma pia, são o banheiro.

Do outro lado temos à frente um pedaço de cozinha que invade a cena. Um recorte de parede com panelas e colheres penduradas. A porta da rua e mais atrás um lado de cama de solteiro que é o quarto de empregada. Depois da chegada de Marluy teremos um pôster do Roberto Carlos, do mesmo tamanho do quadro de Jesus. Para a cena do cinema a sugestão é

que se escureça o fundo do palco e desça uma tela de cinema com duas cadeiras postas em frente à tela. Na cena final da boate, a ideia é fechar a cortina para servir de palco. Pode estar na moldura da boca de cena um sequencial de luzes apagadas que quando acendem darão ideia de uma boate de terceira para o camarim de Marluy pode ser aproveitado o vão onde está o quarto suspenso e nesse oco fazer um camarim improvisado.

Nota: Depois da chegada de Marluy a casa de Otávio ficará, a cada cena, mais limpa, ajudando a reforçar as passagens de tempo. Blocos inteiros de “bagunça” serão retirados do palco deixando a casa cada vez mais arejada.

Nota 2: A boca de cena é a janela que dá para a rua. Então, vez por outra, será aceso um elipsoidal com um gogo recortando uma janela.

PRÓLOGO

Na entrada do público a plateia está com a luz a 50% e o palco quase que completamente escuro. A música ambiente é Roberto Carlos (menos as que são utilizadas no espetáculo). De tempos em tempos ouvimos um bloco de previsões da Zora Yonara (tel. 138), serviço meteorológico (tel. 132) e um VT projetado na tela que servirá de tela de cinema, projetará depoimentos de domésticas, em suas devidas cozinhas, falando sobre os assuntos mais díspares possíveis, uma delas é Marluy. A cada vez que surgirem essas imagens, o tom será cada vez mais frenético, tanto nas declarações como na edição, desembocando na primeira cena, que é “Otávio escrevendo uma carta ao banco”.

ADENDO

Na primeira cena, em que Otávio está escrevendo a carta ao banco, a carta deve ser diminuída e outras cartas serão lidas por ele antes de pôr no envelope aos seus destinatários: companhia de telefone, de gás, luz, seção de cartas para jornais etc. A principal continua sendo a do banco.

CENA 1

Otávio está ouvindo o último bloco de previsões da Zora no telefone. Comenta que vai escrever um dia desses para ela. Vai para a mesa e começa a escrever, falando alto.

OTÁVIO

(escrevendo carta para o banco)

Caríssimo banco

Desculpe não ter te escrito antes. Recebi ontem três extras seus. Não entendi aquela história de tarifa de saque com cartão. Você não acha que isso poderia ser de graça?

De qualquer jeito, achei muito gentil você me mandar a descrição do meu seguro de vida. Não sabia que a perda total de um olho valia 30% do seguro. Acho pouco. Surdez vale só 20% e mudez vale 50%? Eu, se você permitisse, gostaria de mudar isso no meu contrato. Eu prefiro ouvir. Falar, pra mim, é mais dispensável. Mas gosto de ouvir música por exemplo. Não sei se é assim com você.

Responda logo que puder... Eu sei que você é muito ocupado. E eu não quero reclamar. Mesmo porque já fico feliz de receber as suas cartas. Você é um missivista de primeira. O que seria da minha caixinha de correio sem você? Nem fala... Estou

escrevendo também para avisar que depois de amanhã eu estarei fazendo um depósito. Eu sei que você liga muito pra isso. E eu sinto que você escreve menos quando meu saldo está baixo. Às vezes até deixa de escrever... Me lembrei daquela vez que eu deixei meu saldo negativo. (Ri) Poxa, você ficou zangadíssimo. Foi uma carta horrível. Achei que eu ia cortar relações... Você já é tão frio normalmente... Mas são águas passadas; já esqueci aquilo. Espero que você já tenha esquecido também.

Agora mudando completamente de assunto. Você, que tem tanta tecnologia, tantos funcionários, tantas agências, não acha que está na hora de mandar cartas com mais coisas fora os números? Um comentário aqui, uma observação ali. Por exemplo: “Saldo médio 230.000. Tá bom, mas pode melhorar”. Um estímulo ou uma advertência: “Peça um aumento no seu trabalho”. Ou: “Cuidado para não preencher um cheque errado!” ou “Não gaste tanto dinheiro no começo do mês, no final pode faltar”. Só números, números, números. É difícil se corresponder com alguém que só fala em números. Não fique chateado de eu ficar insistindo nisso... Eu só quero melhorar o nosso relacionamento.

Caro banco, vou ficando por aqui. Espero ansioso pelas suas cartas e prometo responder sempre. Mande qualquer notícia nova. Qualquer cartinha será bem-vinda.

Um abraço forte do seu cliente, missivista e quase amigo

Otávio Homem de Castro

Rio, (dia e mês) de 1990.

(Otávio sai da mesa, disca o telefone e ouve o disque piada.

Dá um risinho xoxo e fala um pouco sozinho.)

OTÁVIO

(*Consigo mesmo.*) Ô Otávio, onde você meteu o cigarro? Será possível que você vai perder o cigarro de novo? Ah, meu Deus do céu! Será o Benedito? (*Olha o quadro de Jesus nas Oliveiras e fala com ele.*)

Jesus, se o Senhor me ajudar a achar o meu cigarro, o deixo novinho. Ô Cristinho, dá uma ajudinha. Ai que saco ficar sem cigarro! Onde eu enfiei essa porcaria? Droga, droga, droga. Ô Otávio, assim não dá. Ou você entra numa ou... Não sei não. (*Procura o cigarro pelo palco todo até achar num lugar bem difícil.*)

CENA 2

Toca a campanha várias vezes. Otávio, que está de calção de dormir (tipo cueca), procura alguma coisa para se compor. A campanha continua a tocar.

OTÁVIO

(*Gritando.*) Já vai... Tô indo. Saco! (*Encontra um roupão e veste ao contrário. Vai até a porta. Abre. Dá de cara com Marluy, que está impassível na porta, com duas malinhas na mão. Fica uma situação por alguns segundos.*) Pois não... O que deseja?

MARLUY

(*Falando muito baixinho, de vergonha.*) Eu vim... pra trabalhar de doméstica...

OTÁVIO

O quê?

MARLUY

(*Ainda baixo.*) Doméstica...

OTÁVIO

Não entendi! Fala mais alto, por favor.

MARLUY

(*Fala muito alto, quase gritando*) Doméstica! Eu sou doméstica! O senhor não tava precisando de uma doméstica? Arrumar, passar, cozinhar, lavar a roupa. Essas coisas. Desculpe...

OTÁVIO

Não sei... Tinha me esquecido disso. Que situação!

MARLUY

Não precisa mais?

OTÁVIO

Preciso. Foi o meu porteiro que te falou?

MARLUY

(*Baixinho.*) Foi sim senhor.

OTÁVIO

O quê?

MARLUY

(*Alto.*) Foi sim senhor! O senhor ainda está precisando?

OTÁVIO

(*Alto com ela.*) Tô! Tô precisando demais!

MARLUY

(*Alto, como se falasse ao telefone.*) Que bom, que eu também tô muito necessitada de emprego!

OTÁVIO

(*No mesmo jogo.*) Ótimo. Então vamos conversar?

MARLUY

Vamos!

OTÁVIO

Mas quando?

MARLUY

Agora, né?

OTÁVIO

(*Falando normalmente.*) Desculpe. (*Faz ela entrar.*) Pode entrar.

(*Marluy entra observando tudo. Olha para o quadro de Jesus nas Oliveiras e fica encantada.*)

MARLUY

Que lindo! Esse não é Jesus nas Oliveiras?

OTÁVIO

É. É ele, esperando a morte.

MARLUY

Tão sozinho... mas é uma beleza. O senhor é pintor?

OTÁVIO

Não. Eu sou restaurador.

(Marluy faz cara de que não entendeu.)

MARLUY

Sei...

OTÁVIO

(Sacando.) Eu limpo os quadros. Conserto. Recupero.

MARLUY

(Rindo, nervosa.) Entendi sim senhor...

OTÁVIO

Mas, sente-se.

MARLUY

Como é?

OTÁVIO

Pode sentar.

MARLUY

Ah, obrigada. *(Senta-se sem graça.)*

OTÁVIO

Mas qual é o seu nome?

MARLUY

(Baixinho de novo.) Marluy...

OTÁVIO

Não ouvi.

MARLUY

É Marluy. *(Ri, nervosa.)*

OTÁVIO

Marluy?

MARLUY

Nossa! O senhor foi o primeiro que diz o meu nome sem perguntar se não é Marly.

OTÁVIO

Eu ouvi. Mas vamos ao que interessa. Você tem experiência?

MARLUY

Minha mãe queria que meu nome era Marly...

OTÁVIO

Fosse.

MARLUY

Pois é.

OTÁVIO

Deixa eu ver... Você já trabalhou antes como empregada doméstica?

MARLUY

Trabalhei demais.

OTÁVIO

Ótimo.

MARLUY

É, é muito bom!

OTÁVIO

Então sabe o serviço? Quer dizer sabe... cozinhar?

MARLUY

(*Rindo.*) Sei sim... Não é uma coisa... Mas um feijão com arroz, uma comidinha simples... Eu sei sim senhor.

OTÁVIO

Meu nome é Otávio.

MARLUY

Seu Otávio. Sim senhor.

OTÁVIO

Não. É Otávio.

MARLUY

(*Rindo.*) Desculpa, seu Otávio. Mas faço tudo. Assim... Lavo direitinho.

OTÁVIO

Eu não tenho máquina de lavar.

MARLUY

Tem problema não. Passo calça de homem no vinco. Sou muito limpa... Limpo tudo... Essa casa vai ficar um brinco. Eu gosto do serviço bem feito, sabe?

OTÁVIO

Ótimo.

MARLUY

É, é muito mesmo.

OTÁVIO

E qual é a pretensão salarial?

MARLUY

Como é que é?

OTÁVIO

Quanto você quer ganhar?

MARLUY

(*Rindo, completamente sem graça.*) Sei não senhor.

OTÁVIO

Não tem uma ideia?

MARLUY

Não tenho não senhor...

OTÁVIO

Eu não sei nada disso... Não tem nenhuma amiga trabalhando que você saiba o salário?

MARLUY

Tenho não. Minhas amigas são da roça.

OTÁVIO

Então tá bem. Olha, como eu também não tô sabendo quanto estão pagando por aí... você começa ganhando um salário mínimo. Depois eu vejo se melhoro aos poucos...

MARLUY

É, depois a gente vê. E o porteiro me disse que o senhor é sozinho.

OTÁVIO

É isso. Sou só eu.

MARLUY

Mas deve ter umas namoradas de vez em quando, né?

OTÁVIO

Não. Não tenho não.

MARLUY

Nunca?

OTÁVIO

Nunca.

MARLUY

Não tem importância não. O senhor pode dizer. Eu não vou pedir aumento não.

OTÁVIO

Mas não vai ter namorada.

MARLUY

Tá bom. Desculpa. (*tempo*) O senhor não gosta de mulher?

OTÁVIO

Como assim?

MARLUY

Mulher! Diferente de homem... Como eu.

OTÁVIO

Gosto.

MARLUY

Graças a Deus.

OTÁVIO

Graças a Deus, por quê?

MARLUY

Porque eu tenho medo de homem que não gosta de mulher.

OTÁVIO

Não precisa ter medo.

MARLUY

Então um dia desses tá de namorada debaixo do braço.

OTÁVIO

Então, estamos conversados. Você pode começar amanhã.

MARLUY

Amanhã não posso não.

OTÁVIO

Então depois de amanhã.

MARLUY

De jeito nenhum!

OTÁVIO

Então pra semana...

MARLUY

Eu tenho que começar HOJE, seu Otávio. Tô sem lugar pra dormir. Eu cheguei do norte... Tô dormindo na rua... Banco de praça. Essa malinha eu faço de travesseiro.

OTÁVIO

Tá bem. Então eu vou te mostrar onde você vai dormir.

(Saem para coxia para ir para o quarto de empregada. Ouvimos ainda esse papinho.)

OTÁVIO

Olha, eu trabalho em casa. Então nós temos que ver um esquema pra você não me atrapalhar.

MARLUY

(Rindo.) O senhor não sai pra trabalhar?

OTÁVIO

Não.

MARLUY

Sei... Que bom que deve ser trabalhar em casa, né?

OTÁVIO

É.

MARLUY

O senhor se incomoda que eu ouça o meu rádio?

OTÁVIO

Não. Eu também gosto muito de música. *(tempo)* Mas não põe muito alto, tá?

MARLUY

Pode deixar. O senhor gosta do Roberto?

OTÁVIO

Eu ouço música clássica.

MARLUY

Mas o Roberto tem tanta classe. Posso pôr um retrato dele aqui na cozinha? Eu ganhei de um programa de rádio da minha cidade. Eu levo ele pra onde eu vou.

OTÁVIO

Pode, pode. Mas qual Roberto?

MARLUY

O Rei!

OTÁVIO

(Sem entender.) Sei... o Rei... Rei Roberto...

MARLUY

O nosso Rei.

(Passagem de tempo com Marluy pendurando o retrato do Roberto. Todo o resto da cena está apagada, até só vermos o Roberto de um lado e, aos poucos, Jesus do outro, iluminado. Recorte de luz.)

CENA 3

Acende uma luz fraca, tipo noite (azul). Otávio está na prancheta, restaurando o quadro. Música clássica ao fundo.

OTÁVIO

O “Pai” pode ter te abandonado, mas eu vou te deixar no vinho em folha. Ai, minhas costas...

(Lembra-se. Pega um cigarro e começa a catar o fósforo.)

OTÁVIO

Será possível? O que será que eu faço com as caixas de fósforos? Otávio, a convivência com você mesmo está ficando insuportável! Não tem inimigo pior que você de você mesmo. *(Continua a conversa consigo mesmo. Marluy aparece na cozinha e observa, curiosa.)*

Parece que faz de propósito. Só pra se irritar. Vai me fazer sair de madrugada pra comprar uma caixa de fósforos? Parece maluco! Você é um idiota, Otávio!

(Vai até a janela que é a boca de cena. Olha pra baixo como se fosse a rua.)

OTÁVIO

E já está tudo fechado. Vou ter que pegar um ônibus pra comprar fósforos!

(Ouvimos a voz off de um vizinho.)

VIZINHO

Ei! Você aí! Oi, vizinho.

(Otávio paralisa e vê em frente o “vizinho da janela”. Não move um músculo.)

VIZINHO

Oi, companheiro. Eu moro aqui há um mês e vejo sempre você trabalhando à noite. Você é pintor?

OTÁVIO

(Não responde.)

VIZINHO

Eu sou jornalista. Me separei da minha mulher. Você é casado? Quem é aquela moça que está na sua casa de dia? É uma amante? Não tá me ouvindo? Faz o seguinte: vem aqui pra casa. A gente bate um papo e espanta a insônia. Podemos beber alguma coisa. Não tá me ouvindo? Então eu vou aí na sua casa. Que tal?

(Otávio vai saindo para o canto, sem mexer o resto do corpo. Apaga a luz, fica só uma contraluz. Otávio se abaixa e se arrasta para a cama como se fosse um soldado na guerra.)

VIZINHO

Cadê você? Eu, hein! Cada maluco...!

CENA 4

Do cantinho do palco aparece a cara de Marluy, já de pano na cabeça. Põe um radinho sobre um banquinho desses de cozinha, liga o “bicho”. Ouvimos o locutor, tipo Rádio Globo.

LOCUTOR

E agora o que vocês todas esperavam: “O caraoquê do Roberto”. O rei pra você cantar. É esse o nosso presente de Natal pra você, querida ouvinte que se intitula “A Súdita MARLUY”. Pra você, hein, Marluy!?

MARLUY

Nossa Senhora! Que emoção! Acho que eu não vou nem conseguir cantar... *(Pega a vassoura e faz de microfone. Entre uma música e outra tem comentário do Roberto.)* Esse homem é uma coisa!

(Otávio, que estava dormindo na sua cama, no escuro, acende a luz como se fosse um abajur.)

OTÁVIO

(Gritando.) O que é que está acontecendo? *(tempo)* Quem está aí? *(Saca.)* Marluy! Marluy! Desliga isso, Marluy, pelo amor de Deus! Por caridade... Marluy!

(Marluy desliga o rádio. Varre, cabisbaixa.)

OTÁVIO

Para com essa vassoura! *(Tosse.)* Eu não consegui dormir esta noite... Eu tô resfriado! E você cisma de varrer às *(Olha o relógio.)* 9 horas da manhã. *(Tem um acesso de tosse. Vai para a boca de cena tossindo e fazendo uma tremenda melequeira.)* Ah, meu Deus, que porcaria!

MARLUY

O senhor tem que ir pra cama. Dizem que gripe hoje em dia mata. Eu vou levar um café na cama pro senhor.

(Otávio tem que se conformar. Vai para cama tossindo. Pega um cigarro e não encontra fósforo. Fala sozinho.)

OTÁVIO

Onde eu pus esse maldito fósforo? Droga. Ô Otávio, cadê? Eu deixei aqui. Que coisa mais chata! *(A Marluy.)* Traz um fósforo!

MARLUY

(*De dentro.*) Já vai!

OTÁVIO

Ouviu o que eu pedi?

MARLUY

Tô indo!

OTÁVIO

Traz uma caixa de fósforos! Por favor!

(*Entra MarluY com a bandeja com um café e um pão com manteiga.*)

OTÁVIO

Trouxe o fósforo?

MARLUY

Não ouvi. Vou pegar. (*Sai para pegar.*)

OTÁVIO

MarluY, mas que café da manhã mais vagabundo. Você não comprou o mamão que eu te pedi?

MARLUY

Tava muito caro. Não tá na época do mamão, então o pessoal tá metendo a mão...

OTÁVIO

Mas o dinheiro que eu te dei não dava?

MARLUY

Dá, dava. Mas eu não dou dinheiro pra bandido.

OTÁVIO

Mas é o meu dinheiro.

MARLUY

Mas quem compra sou eu, né, seu Otávio?

OTÁVIO

Mas eu gosto de mamão.

MARLUY

O senhor me desculpa, seu Otávio, mas, se o senhor quiser esbanjar dinheiro, não faz na minha frente.

OTÁVIO

Você quer que eu compre mamão escondido de você?

MARLUY

Não. Eu quero que o senhor tenha um pouco de paciência, que o mamão vai baixar.

OTÁVIO

Tá muito bem. Eu compro mamão escondido, e como escondido também.

MARLUY

É. Não deixa eu ver não. Tenho pena...

**DETALHES
TÃO PEQUENOS
DE NÓS DOIS**

UMA COMÉDIA ROMÂNTICA DE

FELIPE PINHEIRO



**TANIA ALVES
PEDRO PAULO RANGEL**

[illegible]

1

OTÁVIO

Vou comer no banheiro.

MARLUY

Coma na rua. O senhor precisa sair mais... Arejar... O senhor é muito jovem pra ficar em casa o dia todo.

OTÁVIO

Eu gosto de ficar em casa. Não gosto muito de companhia.

MARLUY

Não tem medo de ficar sozinho?

OTÁVIO

Tenho mais medo de ficar acompanhado.

MARLUY

Poxa, eu tenho medo de acabar sozinha.

OTÁVIO

Cadê a caixa de fósforos que eu te pedi?

MARLUY

O senhor gripado dessa maneira não devia ficar fumando. Depois não melhora. Para de fumar, seu Otávio!

OTÁVIO

Outro dia eu paro. Me dá o fósforo.

MARLUY

Ah, não vou dar não. (*Pega o maço de cigarros dele.*) Eu não vou deixar o senhor fumar hoje não.

OTÁVIO

Ficou maluca, Marluy? Me dá o meu cigarro.

MARLUY

(*Já longe dele.*) Não dou não. Eu vou jogar essa porcaria na privada. (*Vai até a privada, joga e dá a descarga.*) Pronto. Chega desse vício. O senhor ainda vai me agradecer.

OTÁVIO

Marluy, vai até o bar e compra um maço de cigarros pra mim. Agora!!!

MARLUY

Não!

OTÁVIO

Eu quero fumar um cigarro!

MARLUY

Vai ficar querendo!

OTÁVIO

Não tô achando graça!

MARLUY

Ainda bem, porque eu tô falando sério. É pro seu bem. Depois o senhor morre e o que vai ser de mim?

OTÁVIO

Um cigarro não vai me matar. Me dá um cigarro seu. Aquele que você fuma escondida.

MARLUY

O meu? De jeito nenhum. É muito forte.

OTÁVIO

Pelo amor de Deus!

MARLUY

Não adianta. Agora eu resolvi.

OTÁVIO

(Aos seus pés.) Por caridade. Pelo amor de Nossa Senhora. Por tudo que é mais sagrado.

MARLUY

Eu sei que o senhor não acredita nessas coisas. Isso tudo é fingimento.

OTÁVIO

Tá bom. Eu te dou dinheiro. Quanto você quer por um cigarro? *(Pega a carteira.)*

MARLUY

Saúde não tem preço, seu Otávio!

OTÁVIO

(Para a plateia.) Alguém tem um cigarro?

MARLUY

Isso é covardia. A gente tava indo tão bem contando essa história...

OTÁVIO

(Indo pra plateia.) Desisti! Só volto depois que eu conseguir um cigarro. Alguém me dá um cigarro? *(Na plateia.)* Tem um cigarro?

MARLUY

Não dá não, gente. Não pode fumar no teatro. Olha aí os avisos.

OTÁVIO

Eu posso. É cigarro de cena...

MARLUY

Mentira. Gente, não dá cigarro pra ele não.

OTÁVIO

(Pra alguém da plateia.) Se não me der, eu não volto pro palco. Não continua o espetáculo... Vocês não voltam pra casa... Dá logo o cigarro. *(De algum jeito o Otávio consegue o cigarro. Marluy tenta não deixar ele fumar.)*

OTÁVIO

(Com o cigarro na mão.) Um só não adianta... Vou ter que sair pra comprar um maço. *(Sai pela porta de cena.)*

CENA 5

Passagem do tempo – pode ser uma virada de luz, acompanhada de som de passarinhos. Toca o telefone. Marluý, com medo, atende.

MARLUY

Alô. É da casa do seu Otávio... Ele saiu... Não, não tá dormindo não. Saiu cedo... Foi... De paletó e gravata. Seu Otávio trabalha demais. Coitado, todo dia sai cedinho... Só volta tarde da noite. O senhor quer mesmo deixar o recado? Tá bem, pode deixar que eu anoto. *(Sem anotar o nome, só o número.)* Seu Aguinaldo de Couto. Telefone 2666474. *(Anota o número bem devagar, desenhando.)* Ligar hoje à noite. Pode deixar que tá tudo anotadinho. *(Desliga o telefone e fica repetindo alto o nome do sujeito, pra não se esquecer.)* Aguinaldo de Couto... Aguinaldo de Couto...
(Otávio, que estava dormindo, acorda.)

OTÁVIO

Que tem o Aguinaldo de Couto?

MARLUY

Ligou. Pediu pra “ligar à noite”.

OTÁVIO

Cadê o recado?

MARLUY

Eu só anotei o número. Tá aqui.

OTÁVIO

Vou ligar pra ele.

MARLUY

Eu falei que o senhor só chegava à noite. Disse que o senhor tava no centro.

OTÁVIO

No centro? Mas eu nunca vou ao centro.

MARLUY

Ah, mas faz vista!

OTÁVIO

Mas todos os meus clientes sabem que eu trabalho em casa.

MARLUY

Mas é tão chique. Eu digo sempre que o senhor foi ao centro trabalhar. Nunca digo que o senhor tá dormindo.

OTÁVIO

Você tem vergonha de dizer que eu trabalho em casa?

MARLUY

Não sei...

OTÁVIO

Ah, Marluy, era só o que faltava. Tem que dizer que tô em casa. E quando eu estiver dormindo, pode dizer que eu tô dormindo. Eu durmo tarde e acordo tarde. E ninguém tem nada a ver com isso!

MARLUY

Eu sei que o senhor trabalha. Mas o pessoal pode interpretar mal...

OTÁVIO

Que pessoal?

MARLUY

Sei lá. O pessoal... Desculpe, seu Otávio, da próxima vez eu tento dizer que o senhor ficou trabalhando até tarde e só vai acordar ao meio-dia e meia.

OTÁVIO

Pode dizer isso mesmo. Cadê o recado?

MARLUY

(Dando o pedacinho de papel com o número.) Tá aqui. *(Sai de fininho.)*

OTÁVIO

Marluy, Marluy, vem cá. Por que você não anotou o nome dele?

MARLUY

Eu guardo de cabeça.

OTÁVIO

Você não sabe escrever?

MARLUY

Saber, sei. Tenho vergonha. Depois, o senhor tem uma letra tão linda. Eu demoro muito desenhando um nome.

OTÁVIO

E você decora os nomes das pessoas?

MARLUY

Eu tenho uma memória, seu Otávio...

OTÁVIO

Mas dá muito trabalho.

MARLUY

Tem importância não.

OTÁVIO

Eu vou pagar um cursinho pra você aprender a escrever.

MARLUY

Ai, seu Otávio, não precisa se preocupar. Depois, que adianta eu saber escrever? Não serve pra nada mesmo.

OTÁVIO

Serve pelo menos pra você guardar os números de telefone.

MARLUY

E só. Não serve pra arrumar, passar, encerrar, fazer comida, lavar a roupa...

OTÁVIO

Mas você não quer progredir. Melhorar de vida?

MARLUY

Aí eu vou acabar deixando o senhor. O senhor quer que eu vá embora?

OTÁVIO

Se for pro seu bem...

MARLUY

Mentira, seu Otávio! Pensa bem. Onde é que o senhor vai encontrar uma empregada que cuide tão bem do senhor? Não tá fácil achar uma empregada hoje em dia. Pensa que é fácil achar alguém que ature o senhor?

OTÁVIO

Tá reclamando do emprego, Marluy? Eu não sou um bom patrão pra você? Sem mulheres, sem filhos... Não é fácil achar um patrão como eu também!

MARLUY

Mas, se eu progredir, eu não vou mais ser doméstica.

OTÁVIO

Isso tá me cheirando à preguiça. Não quer estudar, não estuda. Se você quiser, eu posso te dar umas aulas... Só pra você... anotar os recados.

MARLUY

Vai perder o seu tempo.

OTÁVIO

Quer ou não quer? Ler faz bem para o espírito. A gente conhece melhor o mundo.

MARLUY

O senhor conhece o mundo?

OTÁVIO

Conheço através das palavras. Lendo, você pode saber a história do homem.

MARLUY

Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil!

OTÁVIO

Muito bem. Isso é História do Brasil. Mas tem outras histórias, histórias mais antigas ainda.

MARLUY

História de índio?

OTÁVIO

Também. Pra você ter uma ideia de como é importante ler e escrever... a gente conhece a história desde que o homem lê e escreve. Antes disso é o tempo da pré-história.

MARLUY

Ai, coitada de mim. Eu sou da pré-história. (Ri.)

(Pequena passagem de tempo, com som de batuques pré-históricos. A luz acompanha o ritmo da batucada afro. Os atores arrumam a prancheta em forma de mesa.)

CENA 6

Na mesa, Marluy está sentada e Otávio está em pé, atrás dela, segurando sua mão.

OTÁVIO

Vovó viu a uva.

MARLUY

Com que dinheiro? Só se for a sua avó.

OTÁVIO

A minha avó viu a uva.

MARLUY

“Minha” eu não sei fazer.

OTÁVIO

A sua avó, então.

MARLUY

Coitada da minha avó. Acho que ela morreu sem saber o que é uma uva.

OTÁVIO

Não é pra discutir, é pra escrever. Escreve aí: “Vovó viu a uva.”

MARLUY

(Devagarinho.) Vo-vó vi-u a u-va.

OTÁVIO

Viu como é fácil? Palavras com “V” são muito fáceis. Vovó viu a vulva. Vovô viu a vulva.

MARLUY

Vulva? O que que é vulva? Diz, seu Otávio, que que é vulva?

OTÁVIO

Desculpe, me distraí... Não é nada. Chega de aula por hoje.

MARLUY

Chega mesmo, senão esta casa não vai pra frente.

OTÁVIO

Eu vou trabalhar.

MARLUY

Não trabalha mais hoje não, seu Otávio. Sai um pouco. O senhor precisa arejar. Fica enfurnado nessa casa... parece um caramujo. O senhor tá ficando amarelo. Vai ficar doente assim. Depois, é que nem vampiro: dorme de dia e fica à noite acordado...

OTÁVIO

A noite é melhor pra trabalhar. É mais silencioso...

MARLUY

O senhor precisa se distrair. Ir a um cinema, dar um passeio... sair... o senhor precisa sair!

OTÁVIO

Eu não gosto de gente.

MARLUY

Nossa, seu Otávio. É até pecado falar assim.

OTÁVIO

Tá bom, eu vou sair.

MARLUY

Ah, que bom!

OTÁVIO

Mas aonde eu vou?

MARLUY

Vai ao cinema.

OTÁVIO

Ao cinema? Ver o quê?

MARLUY

Qualquer coisa.

OTÁVIO

Tá bom. Então se veste. Vamos juntos ao cinema.

MARLUY

Nós dois? Eu também?

OTÁVIO

É. Com quem mais eu poderia ir? Vai, troca de roupa.

MARLUY

Ai, que bom! Que maravilha! Que barato! Dá só um tempinho pra “mim me vestir”.

OTÁVIO

Pra eu me vestir, Marluy.

MARLUY

Pra nós nos vestir (*Sai pra coxia pra trocar de roupa.*)

CENA 7

*Troca a luz do palco para uma luz fraquinha na plateia.
Otávio está na escada que dá na plateia.*

OTÁVIO

Vem logo, Marluy. O cinema tá cheio. (*Olhando para as cadeiras “lotadas” do teatro.*) Não tem mais lugar. É melhor a gente ir embora. Já estou me sentindo sufocado nesse lugar. Já pensou se isso pega fogo? Cadê o bombeiro desse lugar? Não deve ter uma gota nesses extintores. Esses lugares públicos são um perigo. Depois, eu não vou conseguir ficar aqui dentro duas horas sentado... Já tá me dando claustrofobia. (*Gritando pra coxia.*) Pode ficar aí na porta mesmo, Marluy! Outro dia a gente vem no cinema. Como essa gente consegue ficar amontoadada num lugar fechado assim? Não é natural isso. Nossa Senhora! Não posso ficar mais um minuto aqui dentro. Tô ficando asfixiado.

(Aparece Marluy de roupa de cinema – toda prateada e justa, com uma peruca loura.)

MARLUY

Para de resmungar, seu Otávio. Tá todo mundo olhando.

OTÁVIO

Que roupa é essa?

MARLUY

Não gostou? Aliás, o senhor não reparou antes?

OTÁVIO

Não.

MARLUY

Não gostou ou não reparou?

OTÁVIO

Os dois.

MARLUY

É a minha melhor roupa.

OTÁVIO

Tá ótima. Mas a gente chegou tarde demais. Não vai dar...
Tá cheio...

MARLUY

A gente senta no chão.

OTÁVIO

Pra ser pisoteado na hora do incêndio?

MARLUY

Que incêndio?

OTÁVIO

O incêndio que pode ter nesse cinema.

MARLUY

Não vai ter incêndio nenhum.

OTÁVIO

Vai sim. E eu não vou ficar na passagem das pessoas pra ser pisoteado.

MARLUY

(Apontando para duas cadeiras no palco.) Ali tem duas cadeiras.

OTÁVIO

Muito longe. Eu não enxergo. Eu gosto de ver o filme de pertinho.

MARLUY

O senhor parece criança pequena. “Vamo” ver dali e pronto.

OTÁVIO

Mas se eu começar a me sentir mal a gente vai embora.

MARLUY

Tá bom, mas “vamo” pelo menos tentar.

OTÁVIO

Qualquer coisa eu vou embora.

MARLUY

Tá bom, tá bom. Agora senta porque o filme vai começar.

FILME: “CINEMA-ROMANCE NA PRAIA”

Um casal na praia está correndo. Ele atrás dela. Ela tropeça, ele cai por cima dela. Ficam os dois “à milanese”. Os dois se banham no mar. Ela joga os cabelos para trás, fazendo um arco de água. Começam aquela brincadeira idiota de jogar água um no outro na beira d’água. Se beijam em contraluz, fazendo aquele prisma na lente. Finalmente estão na areia. Ela deitada na barriga dele, enquanto ele descasca algumas frutas: jacas, abacaxis, cocos e para terminar uma banana. Pequeno corte, dela espremendo uma espinha dele, depois ele dá a banana pra ela. Ela come a banana eroticamente.

(Essa 1ª parte pode ter no máximo 1 minuto e meio.)

Depois é preciso que o filme continue sem o casal, apenas com imagens clichê de “bonito”. Paisagens de pôr do sol, reflexos “brilhantes” do sol no mar, gaivotas, palmeiras ao vento e outras mais...

(Essa segunda parte tem que ter uns 3 minutos para garantir os atores no cinema, numa boa.)

Começa a projeção do filme. Otávio se encosta. Põe o braço por trás das costas de Marluay. Percebem o clima e ficam petrificados. Na tela um casal está correndo na praia. Ele atrás dela. Ela tropeça e ele cai por cima dela. Ficam os dois “à milanese”. Em câmera lenta, se beijam contra a luz do sol. Corta para os dois jogando água um no outro na beira do mar. Corta para ela deitada como uma princesa enquanto ele descasca umas frutas: jacas, abacaxis, cocos e finalmente uma banana. Ela come eroticamente a banana. Corta para ela espremendo uma espinha

dele. De repente a perna de Otávio encosta na de Marluy. A partir daí ouvimos os pensamentos deles em off. Antes Otávio tosse e Marluy comenta.

MARLUY

Falou alguma coisa?

OTÁVIO

Não. *(off)* Mas se eu tivesse coragem, eu dizia que você tem um corpinho lindo. Tuas coxas, teu quadril, teu peitinho, teu pescoço. Teus cabelos... Tanta coisa que eu queria te falar!

MARLUY

(off) Fala, seu Otávio, eu tô ouvindo. Fala tudo, mas fala mansinho, fala bem devagarzinho.

OTÁVIO

(off) Que é pra não te machucar.

MARLUY

(off) Me machuca. Põe a mão no meu peito.

(Otávio aproxima medrosamente a mão do peito de Marluy.)

MARLUY

(off) Não tem medo não. Segura logo.

(Otávio segura, sempre olhando para a frente.)

OTÁVIO

(off) Que peitinho macio. Queria mamar feito neném.

MARLUY

(off) Mama, neném. Mamãe vai te ninar.

OTÁVIO

(off) Segura a coisa do papai, mamãe...

(Marluy não titubeia: segura a coisa. Otávio olha em volta.)

OTÁVIO

(off) Isso não pode estar acontecendo.

MARLUY

Mas está. Você não está sentindo?

OTÁVIO

(off) Tô sentindo. Tô sentindo até demais. Quero você toda pra mim...

MARLUY

(off) Eu vou te dar tudo.

OTÁVIO

(off) Tudo?

MARLUY

(off) Tudo. Me come toda.

OTÁVIO

(off) Te como toda, mas te como de mansinho, bem devagarzinho...

MARLUY

(*off*) Eu não aguento mais... Quero...

OTÁVIO

(*off*) Aguenta sim.

(*Ombro a ombro, começa um vaivém como uma dancinha.*

A música acompanha. Fica feia a coisa. Marluy tenta falar.)

MARLUY

Vamo embora, seu Otávio. Esse filme tá chato...

OTÁVIO

Cala a boca! Fica mais um pouco.

MARLUY

(*off*) Me beija, então.

OTÁVIO

Todo mundo vai ver...

MARLUY

Deixa ver. O que é bonito é pra se ver.

(*Os dois encaram a plateia como se todos estivessem se bolinando.*)

OTÁVIO

Nossa! Que pouca vergonha! São uns tarados!

MARLUY

Que nem a gente.

OTÁVIO

Aquele ali vai sufocar a mocinha. Larga ela!

MARLUY

Não larga não, moço. Deixa ela sem ar...

OTÁVIO

Marluy, ela vai morrer.

MARLUY

Vai nada. E se morrer, vai ser uma morte maravilhosa. Seu Otávio, para de olhar pra eles e olha um pouco pra mim.

OTÁVIO

(*off*) Eu olho, mas não acredito.

MARLUY

Me tira o ar, seu Otávio. Me sufoca, me mata.

OTÁVIO

(*off*) Te mato! (*Se beijam.*)

(*Entra a introdução da música "Cavalgada [das Valquírias], de Wagner]. Começa a baixar a luz e entram dois pinos de luz. Entra a "Cavalgada". A música é entrecortada com gemidos, ruídos de cama rangendo, galopes de cavalo, chicotadas e muito mais. No final revelam-se os dois atores fazendo a sonoplastia no palco, ao vivo.*)

CENA 8

Abre aos poucos a luz do palco. Marluy escorrega da cama de mansinho. Vai para a cozinha e começa a lavar uma louça. Otávio acorda, ouve Marluy na cozinha, hesita um instante. Marluy percebe a movimentação e lava nervosamente um copo.

OTÁVIO

(Decidido.) Marluy!

MARLUY

(Da cozinha.) Já vou. Tô ocupada. O cigarro tá em cima da mesa. O café tá quase pronto. A chave tá na mesinha de cabeceira. Não peguei ainda o jornal, mas já deve ter chegado.

OTÁVIO

Marluy, vem cá!

MARLUY

(Com a cabeça pra fora da cozinha.) A água tá fervendo.

OTÁVIO

Marluy, vem cá!

MARLUY

Já sei, seu Otávio. Tô despedida, né?

OTÁVIO

Está.

MARLUY

Eu sabia. Tem problema não. Eu entendo, seu Otávio. Eu vou pegar as minhas roupas...

OTÁVIO

Pode pegar.

MARLUY

Ah, meu Deus do Céu! Pra onde eu vou agora?

OTÁVIO

(Gritando e apontando para a cama dele.) Pra ali, Marluy! Você vai sair dessa cozinha!! *(Puxando Marluy.)* E as suas roupas você vai pôr ali! *(Mostrando o armário.)* Você não é mais a minha empregada, Marluy!! Você agora é a minha esposa!! Eu tô te pedindo em casamento. Você me aceita?

MARLUY

Aceitar? Ah, seu Otávio, isso é um sonho!

OTÁVIO

Não é sonho, não. Você aceita?

(Entra música "Nada além", com Nelson Gonçalves. Os dois dançam. BO. Ilumina-se o quadro do santo. Uma voz celestial fala.)

VOZ

Coragem, crianças! Eu estou aqui.

(Entra um adendo da cena da voz do além.)

ADENDO CASAMENTO 1

A voz celestial faz o papel de padre de casamento. É aquela parte do casamento em que se diz: “na pobreza ou na riqueza, na saúde e na doença” e todos os outros antônimos que houver. A cena deve ser mágica e pode revelar com humor esse incrível pacto que se faz nas cerimônias de casamento. É quase: “vivo ou morto”...

ADENDO CASAMENTO 2

Canto gregoriano superposto com sintetizador supermoderno; termina o canto. Efeito de luz nos olhos de Jesus nas Oliveiras, facho de luz projetado sobre Marluy e Otávio, que se ajoelham ritualisticamente. Efeito estrela de som! No final desse som ouvimos uma voz celestial muito reverberada, sem explicações. “Deus” começa a fala parecida com a jura das cerimônias de casamento.

VOZ

Na riqueza ou na pobreza

Em casa ou na rua

Na luxúria ou na abstinência

Na limpeza e na sujeira

Na ganância ou na usura

No claro ou no escuro

Na França ou na Etiópia

Na cama, na mesa ou no banho

(tempo)

Na vida ou na morte

Até que o “mistério” os separe.

MÚSICA

Estéreo espetacular, de um lado para o outro do palco. A luz acompanha o movimento e passa em fusão de Jesus para o pôster de Roberto Carlos.

CENA 9

Otávio escreve um postal para o banco à noite.

OTÁVIO

Caro banco

Estou sem tempo. Minha vida está de cabeça pra baixo. Me casei há pouco. É uma moça encantadora. Acho que você vai adorar. Vou mandar cartas menores daqui pra frente. Uma pessoa dentro de casa... faz a gente ficar meio desequilibrado. Não tenho tempo pra mais nada. Mas tenho a impressão de que estou feliz... Não sei ainda.

Um abraço do amigo Otávio

(Data de seis meses depois.)

P.S.: Segue anexo uma foto dela.

CENA 10

Mais um amanhecer. Marluy já está na cozinha cantando. Finalmente Otávio acorda.

OTÁVIO

(Gritando.) Marluy!

MARLUY

Já vou. Tô ocupada. O cigarro tá em cima da mesa. O café tá quase pronto. A chave tá na mesinha de cabeceira. Não peguei ainda o jornal, mas já deve ter chegado.

OTÁVIO

Marluy, dá um descanso nesse rádio, por favor.

MARLUY

Eu acho que você tem ciúme do Roberto.

OTÁVIO

Era só o que me faltava... Eu gosto de boa música.

MARLUY

Aquelas músicas que não dizem nada? Não sei pra que serve...

OTÁVIO

Pra dar um clima.

MARLUY

Clima?

OTÁVIO

É, um ambiente. Quer ver? (*Vai até a vitrola e põe a "Cavalcada das Valquírias". Fica eufórico e começa a reger. Marluy está paralisada. Ele tira o disco.*) Então? Não é linda?

MARLUY

Sei lá... Só sei que com essa música eu não consigo fazer nada. Como é que vou passar uma roupa ouvindo isso?

OTÁVIO

Mas essa música não é pra passar roupa. É só pra se ouvir.

MARLUY

E ficar parado?

OTÁVIO

Ficar ouvindo...

MARLUY

Não dá. Eu gosto de música pra conversar comigo... Enquanto eu faço alguma coisa... É temperamento... Além do mais hoje é dia... (*O dia do mês.*)

OTÁVIO

E daí? Tem alguma conta pra pagar?

MARLUY

Esse dia não te diz nada?

OTÁVIO

Não. Eu não me lembro de nada.

MARLUY

Hoje a gente faz um ano de... de... de...

OTÁVIO

Engasgou? Tá gaga?

MARLUY

(*De uma tacada.*) Hoje faz um ano que a gente foi ao cinema, depois fez amor, depois se casou em frente ao quadro e tem três semanas que você não me dá um beijinho. (*Emburra.*)

OTÁVIO

(*Dá um beijo nela.*) Parabéns.

MARLUY

Assim não quero.

OTÁVIO

Esqueci. Desculpe.

MARLUY

Esqueceu também de dizer que me ama.

OTÁVIO

Desculpe de novo. Vou anotar na minha agenda: Não esquecer de dizer que te amo pelo menos uma vez por semana...

MARLUY

Sexo também. A gente não faz há um tempão.

OTÁVIO

Isso não é verdade. A gente transou há duas semanas...

MARLUY

Você chama aquilo de sexo?

OTÁVIO

Bom, tinha tudo pra ter esse nome: nós estávamos nus e eu tava pondo o meu peru na sua xoxota.

MARLUY

Você não vai começar com estupidez de novo, não? Vai engrossar? Eu achei uma transa sem graça...

OTÁVIO

Não se pode ser brilhante sempre.

MARLUY

É brilhante dar uns beijinhos?

OTÁVIO

Ah, eu não vou entrar nessa discussão não, tá? Dá licença...

(*Otávio saiu e foi pra a prancheta trabalhar e Marluy estendeu uma corda na boca de cena, de ponta a ponta. Começa a pendurar uns lençóis. Tapa completamente a frente do palco. Uma luz é projetada em contraluz. Continua a cena e só vemos as sombras dos dois.*)

CENA 11

Em sombras, ouvimos os offs.

OTÁVIO

Tá chorando por quê?

MARLUY

Nada não.

OTÁVIO

O que é que eu fiz?

MARLUY

Você sabe.

OTÁVIO

Não sei não. Foi porque eu esqueci do nosso aniversário?
Por que eu não te dei um beijo? A transa?

MARLUY

Não é nada disso. Você é muito tenso. Eu não posso chegar
perto, te dar um beijo, nada.

OTÁVIO

Eu não acredito que você esteja com essa tromba há três
dias porque eu esqueci a porra desse aniversário.

MARLUY

Não engrossa, tá? Cavalo! Eu vou dormir.

(Marluy tira o lençol do varal. Eles já estão de roupas trocadas. Ele de pijama e ela de camisola. Estão deitados na cama. Otávio tenta ler um livro. Marluy se debate na cama.)

OTÁVIO

O que é que houve?

MARLUY

Não consigo dormir com a luz acesa.

OTÁVIO

Dorme um pouco mais tarde hoje.

MARLUY

E quem vai à feira amanhã?

OTÁVIO

Deixa a feira pra lá.

MARLUY

E a gente vai comer o quê?

OTÁVIO

Eu só queria ler um pouquinho...

MARLUY

Pronto. Perdi o sono. *(Levanta-se.)*
(Emburrados, sentam-se à mesa.)

OTÁVIO

Tem um cigarro?

MARLUY

Você esqueceu de novo? *(Dá um cigarro pra ele.)*

OTÁVIO

Tem um fósforo?

MARLUY

(*Dando um fósforo pra ele.*) Quer que eu fume pra você?

(*tempo*) Passa a manteiga pra mim, por favor?

(*Otávio passa manteiga na mão de Marluy.*)

OTÁVIO

Tá bom ou quer mais?

MARLUY

Tá bom. (*Lambe o braço.*) Quer açúcar no café?

OTÁVIO

Quero.

MARLUY

(*Derrama a cumbuca de açúcar no café de Otávio.*) Tá bom?

Quer mais um pouquinho

(*Otávio sai pra fazer xixi.*)

MARLUY

Não vai fazer xixi na tábua de novo não, tá?

OTÁVIO

(*De lá.*) Não fode!!

MARLUY

Não fodo mesmo!!!!

OTÁVIO

Tá afim de sair na porrada?

MARLUY

Vai bater?

OTÁVIO

Não provoca...

MARLUY

Bate, patrãozinho... Eu sou sua empregada mesmo, né?

OTÁVIO

Para com isso, Marluy.

MARLUY

Bate na empregadinha. Não adianta, eu vou ser sempre a sua doméstica. Homem é tudo igual...

OTÁVIO

Você devia me agradecer... Você não é mais empregadinha graças a mim...

MARLUY

É o que você pensa... Eu sou empregadinha sim. Só que não ganho o meu salário.

OTÁVIO

Eu te dou uma mesada.

MARLUY

Eu prefiro o meu salário. E se você quiser trepar comigo, vai ter que pagar também!

OTÁVIO

Vai fazer michê aqui dentro?

MARLUY

Vou. Agora acabou a sopa nesta casa. Se quiser que eu trabalhe pra você, vai ter que soltar a grana.

OTÁVIO

Mas eu te dou tudo o que você quer...

MARLUY

Eu quero você. Quero um homem. Eu quero trabalhar fora, ter a minha vida...

OTÁVIO

Onde você vai trabalhar? Vai trabalhar de empregada?

MARLUY

Vou. Não sei fazer outra coisa...

OTÁVIO

Ficou maluca? Vai trabalhar em outra casa? E a gente?

MARLUY

Tá vendo? Eu não passo de uma empregada nessa casa.

OTÁVIO

Você é a dona da casa.

MARLUY

Mentira! Eu não aguento mais tomar conta de você! Enchi! Cansei de ser babá de marmanjo!

OTÁVIO

Vai, sua mal-agraçada! Vai... sua... sua...

MARLUY

(Peitando.) Fala! Fala!

OTÁVIO

Vagabunda!

MARLUY

(Pega uma revista de sacanagem.) Solteirão punheteiro!

OTÁVIO

Onde você achou essas revistas?

MARLUY

Achei e pronto! Punheteiro! Volta pras suas revistas! Vai escrever pro banco! *(Com as cartas.)* É isso que você merece! Não vou ser mais depósito de porra!

OTÁVIO

Cala a boca!

MARLUY

Não calo!

OTÁVIO

Eu tô avisando!

MARLUY

Não calo, filho da puta!

(Otávio dá um tapão na cara de Marluy.)

ADENDO DA DISCUSSÃO

Essa pancadaria tem que ser maior e revelar a ingrata convivência do casal. As dissoluções das fantasias. Acrescentar mais o problema mulher-empregada x marido-patrão. A raiva do fracasso da empreitada. Deve haver quase uma pancadaria explícita acompanhada de uma quebradeira. Esgotar toda a relação dos dois nessa dissolução, para o bem da história, dos personagens e atores. É trágica, mas para a plateia pode ser cômica. Clichês de briga de casal serão usados à vontade, só que cheios de significados e sentimentos. Há uma ideia, também, de utilizar objetos que quebrem e uma brincadeira de sustos na plateia, com arremessos de adereços do cenário, supostamente pesados (levíssimos), na janela que dá para a vizinhança (público), para o deleite de todos que estão assistindo.

OTÁVIO

Escuta, Marluy.

MARLUY

Viu? Não é tão difícil assim...

OTÁVIO

Eu joguei muita coisa pra trás, pra ficar com você.

MARLUY

Não entendi!

OTÁVIO

Eu abandonei muita coisa do meu passado.

MARLUY

Eu odeio o seu passado.

OTÁVIO

Mas você se casou com ele.

MARLUY

Tá muito enganado. Eu casei com você.

OTÁVIO

Mas pra você casar comigo... eu tive que estar vivo até aquele dia.

MARLUY

Que eu saiba, você não morreu depois daquele dia...

OTÁVIO

Uma parte de mim, sim.

MARLUY

Uma parte ruim...

OTÁVIO

E uma parte boa também...

MARLUY

E agora?

OTÁVIO

Sei lá... Eu sei que você não é responsável pelo meu passado...

MARLUY

Nem pelo seu futuro.

OTÁVIO

Não adianta conversar com você.

MARLUY

Assim não adianta mesmo. Conversar sozinho.

OTÁVIO

(*Para si.*) Ai, Otávio, por que você foi ver aquele filme horrível? Maldita hora. Também, “Calor Caliente” só podia dar nisso mesmo. (*Com ódio, pega uma lata de tintas e vara ela pela janela.*) Merda!

MARLUY

É pra quebrar? Vai partir pra ignorância? (*Pega uma tela e arremessa também pela janela.*) Pronto. Dois ignorantes.

(*Começam a atirar, um no outro, os objetos da casa, enquanto gritam insultos. Começam a se machucar com o quebra-quebra.*)

MARLUY

Eu não aguento mais. (*Começa a chorar.*)

OTÁVIO

Eu também não aguento mais. É difícil assim...

MARLUY

Não vale a pena. É melhor a gente se separar...

OTÁVIO

Vamos pensar melhor. Sei lá. De repente a gente toma a decisão precipitada... Fica aqui... Pensa bem o que você quer pra gente. Eu não queria te ofender... Não queria te bater... Não queria tudo isso... também não sei se pode dar certo nós dois juntos...

MARLUY

Eu posso ir embora...

OTÁVIO

Não. Fica e pensa. Eu preciso dar uma volta. Acho melhor eu não dormir em casa hoje. Amanhã eu te ligo. Tchau. (*Põe uma capa sobre o pijama e sai.*)

MARLUY

Tchau... Se cuida. Telefona. Vou fazer aquele bolo que você gosta. (*Chora pra valer.*)

(*Marluy sai de cena. A música “Ternura” invade a cena. Foco de luz no quadro do Roberto. Marluy volta com outra roupa. Vai direto para o telefone.*)

MARLUY

É da agência "Doméstica, obrigado?"... Eu queria uma empregada. Pra dormir no emprego... Pago bem... Mas tem que ser boa... Com referência... Uns dois anos de experiência... Pode ser crente, tudo bem. Não precisa ser novinha não... Aliás, pode ser velha... Gorda... Feia... E, é o meu marido... A gente nunca sabe, né? Tô aguardando. Obrigada. (*Desliga.*) Ai, que bom! Uma empregada! Agora vou ser só esposa. Vou aposentar. (*Dá uma risada.*) Era tão simples. A solução tava na minha frente. O Otávio vai adorar... Eu vou adorar... Todo mundo vai gostar... Como é bom ter empregada! A base de um bom casamento é uma boa empregada!

(*Toca a campainha. É a empregada nova. Ela está vestida com um uniforme, pode ser feita pelo ator ou por um convidado especial, Marluy atende a porta.*)

MARLUY

É você a menina da agência, né? (*Não dá tempo para ela responder.*) Eu sou a sua patroa. Não gosto de confiança, viu? Tem que me chamar de "dona". "Dona Marluy". E não é Marly, é Marluy. Meu marido está viajando, mas volta logo. O nome dele é seu Otávio. Ele trabalha em casa... quer dizer... ele não trabalha... Ele é bem de vida... Tem os seus negócios e pinta quadros por prazer... Ele é pintor. Mas ele gosta de pintar à noite. Então, nada de barulho de manhã. Aproveita pra lavar a roupa. Não tem máquina. E eu acordo cedo. Sete horas quero meu café servido. Pega o jornal lá embaixo. Compra o pão na padaria aqui perto. Mas não vai ficar na rua de papo com o porteiro... Você cozinha? (*Não dá tempo pra ela responder.*) Nós gostamos de comida com pouca gordura e pouco sal. E

nada de desperdício... Não gosto de jogar comida fora. Tem que calcular direitinho. E eu quero a cozinha muito limpa. Tão limpa que dê pra lambar o chão. E aqui dentro também, tudo muito limpo... Trocar os lençóis duas vezes por semana. E as vidraças também... Não pode esquecer delas. Nada de atender o telefone com a mão de gordura. E nada de ficar de papo com amiga no telefone aqui de casa. Se quiser liga da rua. Sempre com o seu uniforme limpo. Nada de minissaia... Pano na cabeça, sandália... Não quero ver você descalça. Sabe ler? (*Sem esperar resposta.*) Tem que saber pelo menos anotar os recados do telefone. Nem precisa dizer que eu quero o banheiro limpo todo dia, mas brilhando... Que mais? Ah, o seu salário é o salário mínimo, descontado o INPS. Parece pouco, mas você aqui dorme e come de graça. Então estamos conversadas. Você pode começar agora mesmo. Tá olhando com essa cara por quê? Não tenho medo de cara feia não. Cara feia pra mim é fome. Fala logo, minha filha. Perdeu a língua? Que que houve? Eu hein! Não gosto de gente assim não... Fala, garota!

EMPREGADA

A senhora tá falando assim comigo porque não sabe o que é ser empregada doméstica!

(*Marluy fica chapada, como se tivesse levado um soco. Senta na cama. A empregada sai.*)

CENA 13

Marluy vai direto pra prancheta de Otávio e começa a escrever uma carta de despedida.

MARLUY

(Escrevendo e falando ao mesmo tempo.)

Caro Otávio

Venho por meio desta informar-lhe que a nossa vida em comum não é mais possível.

Foi um sonho lindo, mas agora acordei. Lavei o rosto diante do espelho e vi uma doméstica. Quem era aquela doméstica? Era eu, Otávio! A sua esposa. Chorei, quis morrer... Afundei a cara no travesseiro pra me sufocar. Foi quando Roberto tocou no rádio. *(Entra "Costumes".)* Era como se o Roberto estivesse "me" falando: "Você pensou que pudesse esquecer esses velhos costumes?". Roberto é um grande amigo. As suas músicas estão cheias de respostas para as nossas perguntas.

Você vai ser sempre o meu patrão. Não importa quem está com a razão. Tem coisas que não dão pra explicar. São a vida...

Eu só sei que não dá mais pra assistir calada pro nosso sofrimento.

(Otávio, do outro lado do palco, continua a leitura.)

OTÁVIO

Em via disso, decidi-lhe a tomar uma atitude. Adels, Otávio. Não, não, não diga nada. Não me procure. Não me acharás. Fica em pais. Ah, uma coisa ainda: perdola-me não ter feito feliz-lhe. Por isso quando lembrar-te-lhe de eu, lembraste não de mim como espoza, mas de eu empregada vossa. Foram nossos melhores monumentos.

Sem mais. Subeenverto-me atenciosamente.

A tua Marluy

PS: Eu nunca te disse, mas você foi o meu primeiro ôme.

(Otávio chora.)

OTÁVIO

Eu podia ter pelo menos te alfabetizado melhor...

CENA 14

Troveja. Otávio está limpando a casa. Primeiro arruma a cama, depois lava a privada e finalmente a louça na pia da cozinha. Ele está aos prantos (cristal japônês). Enquanto tem essa ação, rola ao fundo "Abandono". No final da música Otávio canta o comecinho de "Detalhes". Fecha a boca de cena.

CENA 15

Cortina fechada. Marluy está sentada num canto do palco como se estivesse num camarim. Marluy está tocando fogo numa foto de Otávio. Ouvimos, sobre a primeira parte de "Outra vez", uma locução e ainda barulho de público. Marluy está numa casa de shows de terceira.

LOCUÇÃO

E agora, a atração principal da noite! A ex-doméstica que se intitula "Súditia Marluy". Grande intérprete de Roberto Carlos. Descoberta por essa casa de espetáculos! "Súditia Marluy", que faz a gente chorar de emoção. A "Roberta Carlas" da Parada de Lucas! *(Aplausos.)*

(Marluy canta a segunda parte de "Outra vez". No final da música, Otávio, que estava na plateia com um embrulho, bate palmas, eufórico, e sobe no palco. Marluy, vendo que a coisa poderá ficar embaraçosa, foge para o camarim. Otávio vai atrás.)

CENA 16

Canto do palco, camarim de Marluy. Ouvimos off os aplausos, e de vez em quando um: “mais um” e “volta, volta!” e “por que parou? parou por quê?” Pela própria agitação do lugar, a cena também acompanha esse ritmo recortado.

OTÁVIO

Eu não posso viver sem você!

VOZ OFF

“Volta! Volta! Volta!”

MARLUY

Agora não dá pra gente falar. Como você me descobriu aqui?

OTÁVIO

Ouvi no rádio.

MARLUY

Você não gosta de rádio...

OTÁVIO

Mudei. Você mudou a minha vida, Marluy. Eu descobri que com você eu não tenho medo de ficar acompanhado. Só com você!

MARLUY

Não adianta mais. A gente é muito diferente.

OTÁVIO

Graças a Deus! Vamos tentar de novo.

MARLUY

Eu não sou mais empregada.

OTÁVIO

Eu também não sou mais restaurador. Olha! Toma. Eu trouxe pra você. (*Mostra o embrulho.*) Abre. É um presente.

MARLUY

Um presente? (*Começa a abrir.*)

OTÁVIO

Eu tenho muitas saudades suas... Eu quero ser seu marido... Eu quero ficar com você...

MARLUY

(*Acabou de abrir o embrulho. Dentro tem um quadro. É o retrato dela.*) Sou eu.

OTÁVIO

Eu que fiz. Eu pintei!

MARLUY

É lindo.

VOZ OFF

“Por que parou? Parou por quê?”

MARLUY

Eu tenho que voltar pro show.

OTÁVIO

Se você quiser... eu viro o seu empregado doméstico!

MARLUY

Tem referências?

OTÁVIO

Tenho demais. Eu sei fazer tudo numa casa. Eu morei muito tempo sozinho... Sei cozinhar, passar, lavar. Sei fazer tudo numa casa.

MARLUY

Ai, que loucura isso...

VOZ OFF

“Mais um! Mais um!”

MARLUY

E se der errado?

OTÁVIO

Deu errado e pronto.

MARLUY

Eu tenho medo.

OTÁVIO

Você não tem medo de ficar sozinha.

MARLUY

Com você eu não tenho medo de ficar sozinha.

VOZ OFF

“Mais um! Mais um!”. “Volta! Volta!”

OTÁVIO

Volta, Marluy. Vamos tentar só mais uma vez. Por que a gente parou? Parou por quê?

(Marluy vai para o palco rindo. Otávio ainda berra umas frases.)

OTÁVIO

Marluy, por que me abandonaste? Eu vou ser seu empregado! Eu vou ser pintor! Você vai ser cantora! Eu amo o Roberto. Eu amo você! Eu não tenho medo! Eu vou parar de fumar! Eu fechei a minha conta no banco!

CENA 17

Marluy canta “Emoções”. Grand finale: bolas de encher caem na plateia. Fog, aplausos, off no final da canção. Marluy pede silêncio à plateia. Dessa vez o arranjo não é o tradicional. O arranjo é jazz-metal-cordas. Lindo, guitarras no final.

MARLUY

Obrigada, obrigada. Eu queria falar uma coisa com vocês.

Primeiro, eu adorei a presença de vocês. Depois, eu queria chamar aqui no palco um artista que está na plateia. Não sei se vocês conhecem ele. Mas eu conheço muito bem. Eu queria prestar uma homenagem e vou pedir que ele venha até aqui no palco receber os aplausos de vocês. O meu amigo (*A atriz chama o ator que representou Otávio. Ele sobe ao palco e ela sai de cena.*)

(*Pequeno improviso do ator, agradecimento a possíveis patrocinadores, agradecimento ao público etc. O ator chama a atriz que representou Marluy para os aplausos finais.*)

JANEIRO E FEVEREIRO DE 1990